



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rádio Melodia FM

Rio de Janeiro-RJ, 08 de março de 2010

Jornalista: OK, Edinho Lobo, 9h42 no Rio de Janeiro, temperatura de 26 graus. Tempo bom no Rio, céu azul. Falamos direto do Salão de Autoridades do III Comar, no estúdio portátil da Melodia, aqui nesta segunda-feira, realmente um dia histórico para todos nós. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva estará concedendo esta entrevista de maneira exclusiva.

Presidente, a rádio Melodia é a primeira rádio FM evangélica do País. Somos a maior audiência do meio evangélico, e é inédito um presidente da República dar uma entrevista exclusiva a uma emissora evangélica. Queira, em primeiro lugar, receber os nossos agradecimentos, agradecimentos dos nossos ouvintes pela consideração e apreço por eles, e é em nome deles que lhe entrevistamos nesta segunda-feira, neste dia histórico e emocionante para todos nós. Bom dia, Presidente.

Presidente: Bom dia, Eliel. Eu queria te cumprimentar e cumprimentar os ouvintes da rádio Melodia FM Rio de Janeiro; cumprimentar o nosso querido governador Sérgio Cabral, que está aqui presente; o ministro Marcio Fortes, das Cidades; e o ministro Franklin Martins, da Comunicação Social. E dizer para você, meu caro Eliel, que a nossa conversa, ela tem que ser a mais franca possível, a mais aberta possível, porque eu acho que o nosso governo tem o comportamento de um governo laico, onde todas as religiões são respeitadas e onde nós conversamos com todo mundo, porque é assim que a gente vai consolidar a democracia plural no nosso país.

Jornalista: Muito bem. Presidente, a nossa primeira pergunta. Sabemos da



importância do pré-sal para o País e que vai mudar a economia brasileira, e isso incomoda os opositores ao seu governo. Sabemos também que encontraram uma fórmula de tentar atrapalhar o projeto, tentando jogar estados e municípios uns contra os outros em disputa por *royalties* e participação especial, chegando ao limite de tentar, por via de emenda, retirar a totalidade das receitas atuais dos *royalties* e participação especial que o estado do Rio e seus municípios recebem. Isso, sem contar que darão um prejuízo à União de mais de 20 bilhões, só pelos *royalties* já adiantados pela União ao Rio e Espírito Santo. A população do Rio de Janeiro espera que - caso a emenda passe - o governo vete. Qual a posição do Presidente?

Presidente: Olha, primeiro, um presidente da República não pode assumir compromisso de não vetar ou de vetar qualquer coisa antes de chegar à mesa do Presidente da República. Segundo, eu penso que deva prevalecer o bom senso na discussão do pré-sal, primeiro porque é uma quantidade de petróleo que nós não imaginávamos que o Brasil teria, e o Brasil tem. Segundo, nós não imaginávamos que tão cedo tivéssemos tecnologia para ir a sete mil metros de profundidade buscar esse petróleo; nós temos. Terceiro, é uma quantidade de petróleo que vai permitir que o Brasil conquiste, definitivamente, a sua independência. É uma possibilidade extraordinária de a gente construir o futuro deste país, de a gente pensar nas crianças, de a gente pensar na educação, de a gente pensar na ciência e tecnologia, de a gente pensar na questão ambiental, de a gente pensar na questão da saúde. Mas, também é importante as pessoas saberem que não dá para que a gente resolva todos os problemas do Planeta com o dinheiro do petróleo. O petróleo é apenas uma coisa a mais importante, que o Brasil tem, para que a partir desse dinheiro do petróleo, se bem utilizado, a gente possa construir um futuro muito mais sólido para este país.

Ora, eu acho que os estados que são produtores têm, efetivamente, o



direito de receber um pouco mais, até a contrapartida daquilo que a gente vinha fazendo. Acho que a gente não pode permitir que haja uma guerra entre estados e municípios no Brasil em uma hora totalmente desnecessária. Há condições de todos ganharem um pouco, há condições de manter São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, que são os estados produtores, recebendo um pouco a mais. E isso era uma preocupação que eu tinha e por isso eu queria que não fosse votada a questão dos *royalties* em um ano eleitoral, porque no ano eleitoral, a mim me preocupa profundamente que as pessoas queiram aproveitar o ano eleitoral para fazer todas as bondades que o Planeta quer que faça. Já decidiram, agora, colocar dinheiro para pagar os aposentados, já conseguiram, ou seja, eu acho que as pessoas não podem, não podem perder o bom senso no momento em que a sociedade brasileira exige de nós maturidade e bom senso. Pensar no futuro deste país é a coisa mais importante que tem. Todos nós que fazemos política, todos vocês que são radialistas, é a gente saber qual é futuro, e nós temos petróleo para isso, temos riquezas para isso. Da parte do governo nós vamos tentar evitar que haja uma guerra fratricida entre regiões do País, porque é possível construir o bom senso e todo mundo sair ganhando um pouco.

Jornalista: Muito bem. Presidente... Pois não. O nosso governador Sérgio Cabral. Pois não, governador. Bom dia.

Governador Sérgio Cabral: _____

Jornalista: Muito bem. Presidente, as Olimpíadas e a Copa do Mundo vão, além de aumentar a nossa autoestima, promover o país no exterior e ser uma porta de atração do turismo. O carioca e o brasileiro podem ficar tranquilos de que nada vai faltar para o sucesso desses empreendimentos, Presidente, com a conquista desse país?



Presidente: Eu acho que o brasileiro, Eliel, o brasileiro, o carioca, podem ficar tranquilos, porque para nós brasileiros é uma questão de honra provar que a gente tem competência de fazer uma Olimpíada melhor do que qualquer uma que já foi feita até agora. Foi um trabalho imenso e é preciso, aqui, reconhecer de público o trabalho profissional feito pelo governo do estado do Rio de Janeiro, feito pela prefeitura do Rio de Janeiro, para que a gente conseguisse conquistar o direito de vencer todas as etapas imposta pela direção das olimpíadas internacional, até chegar naquele dia memorável de Copenhague, onde o povo brasileiro teve todo o direito de ficar emocionado, porque foi uma conquista, eu diria, extraordinária. Ganhar dos Estados Unidos, ganhar do Japão e ganhar da Espanha, com o pensamento subserviente de uma parte da elite brasileira, não foi fácil. E nós fomos lá, agimos como gente grande, nos respeitando, respeitando os outros e fomos lá para ganhar. E foi a mais extraordinária vitória que um país teve nas Olimpíadas. Foram na verdade 66 votos de diferença, o que nunca tinha acontecido. A China ganhou por dois votos de diferença. Nós ganhamos por 66 votos de diferença. E o Rio está preparado, o Brasil está preparado. Nós já estamos discutindo as Olimpíadas de 2016. Nós, como sempre, queremos provar, queremos provar ao mundo, que este país não deve nada a ninguém do ponto de vista de engenharia, de criatividade e de realizar uma Olimpíada, o que para nós é uma parte da autoafirmação deste país diante do mundo. Para os outros seria apenas mais uma Olimpíada. Para nós, é a necessidade de um passo a mais na autoestima do povo brasileiro, no orgulho do povo brasileiro e na demonstração de que nós sabemos fazer e temos competência para fazer. Portanto, eu estarei participando dessa Olimpíada, já não mais como presidente, mas como cidadão brasileiro naquilo que for necessário, porque se Deus quiser, eu quero estar presente na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016.



Jornalista: Muito bem. Presidente, o senhor é um homem de família. O Brasil aprendeu a vê-lo como um homem de família. Há uma grande polêmica envolvendo o plano de Direitos Humanos, que virou um decreto de sua lavra. Sabemos que o senhor determinou a retirada de qualquer menção à defesa do aborto. Existe uma posição dos evangélicos, de todos os cristãos, à qual nos associamos, de sermos radicalmente contrários à legalização do aborto. Na Câmara dos Deputados, pela atuação de parlamentares evangélicos liderados pelo deputado Eduardo Cunha, o projeto que tentava legalizá-lo foi derrotado e levado ao arquivo. Podemos ter a segurança de que no governo do presidente Lula não haverá apoio a qualquer tipo de legislação que facilite o aborto, Presidente?

Presidente: Primeiro, Eliel, eu acho importante que o povo compreenda o que está se debatendo nesse momento. Eu tenho uma posição clara. Eu tenho a vantagem de ter sido candidato muitas vezes, e quando você é candidato muitas vezes você se expõe muitas vezes. E eu sempre defendi a questão do aborto como uma questão de saúde pública, e sempre disse: pessoalmente, como ser humano, como pai de cinco filhos e como marido eu sou contra o aborto, e acho que todas as mulheres são contra porque ninguém faz aborto porque quer fazer aborto. Agora, como chefe de Estado, eu tenho que saber que neste país milhões de pessoas pobres às vezes são levadas a praticar o aborto da forma mais degradante possível: são mulheres perfurando o seu útero com agulha de tricô, são mulheres tomando chá de caroço de abacate, são mulheres fazendo qualquer coisa porque não querem ter um filho que, às vezes, não desejavam e engravidaram.

O Estado não pode deixar essas mulheres morrerem, então o Estado tem que transformar isso numa questão de saúde pública e dar a elas a assistência necessária que as madames têm, porque as ricas, quando querem fazer um aborto, têm as clínicas mais sofisticadas, vão para o exterior. Então, cabe ao



Estado dar garantia de que mesmo sendo contra, na hora que tiver um caso, o Estado não pode abandonar e deixar a pessoa morrer sem o cuidado do Estado. Então, isso tem que ficar claro que é uma posição minha nesses últimos 30 anos.

Com relação à questão dos Direitos Humanos. Veja, as pessoas tem que compreender o seguinte: no meu governo, nós já fizemos 57 conferências nacionais – conferência de portador de deficiência, conferência de tudo o que você possa imaginar, de saúde, de aposentado, de idoso – e nessas conferências as pessoas aprovam os princípios e as teses que querem aprovar. Ora, a partir daí você começa a discutir com o Congresso Nacional se você vai transformar aquilo em legislação ou não. Portanto, tudo vai para o Congresso Nacional. O que as pessoas não podem ficar achando absurdo é a manifestação da sociedade. Ora, nós temos gente na sociedade que é favorável ao aborto e nós não podemos fechar os olhos e fingir que não existe; existe. Então, é melhor você fazer o debate e convencer essas pessoas de que elas estão equivocadas e derrotá-las, do que você tentar fazer censura e proibir que o debate aflore. E assim outros temas importantes.

Então, o que as pessoas têm que ter consciência? É de que nós – e esse é o papel de um presidente da República –, é que a gente sempre trabalha para encontrar o caminho do meio, sempre trabalha para tentar construir alguma coisa que possa ser a conquista da maioria da sociedade brasileira, e eu não tenho dúvida nenhuma de que a maioria da sociedade brasileira é contra o aborto.

Jornalista: Muito bem. Presidente, um outro ponto bastante polêmico é o que afeta os evangélicos, e é exatamente o PL 122, que está no Senado Federal, e que visa a criminalizar a homofobia, e que na forma como está concebido leva, por exemplo, a que pastores e padres se recusem a realizar um casamento religioso entre homo-afetivos, e poderão ser responsabilizados criminalmente.



Não estamos pregando que deva haver discriminação contra homo-afetivos, mas tão somente que tenhamos o direito de nos expressar em nossas igrejas sem o risco de sermos processados. O senhor admite a possibilidade de estudar esse assunto, Presidente?

Presidente: Olhe, eu admito a possibilidade de que o Senado não fará nada que seja contrário ao bom senso da sociedade brasileira. Eu acho que as pessoas têm que ter liberdade de expressar aquilo que são, acho que o Congresso Nacional tem clareza absoluta do que significa essa questão da liberdade de pensamento, da liberdade de opção sexual, da união civil das pessoas. Tudo isso já está muito mais do que calejado na sociedade brasileira e o Senado representa a média de pensamento da sociedade, ora mais à direita, ora mais à esquerda, ora... Mas, no fundo, no fundo, no fundo quando se trata de um tema tão polêmico e um tema tão delicado, você pode ficar certo de que nós teremos uma coisa de bom senso. Nada, nada que venha criar qualquer problema para a liberdade democrática conquistada pela sociedade brasileira.

Jornalista: Muito bem. Estamos entrevistando... você está acompanhando a entrevista exclusiva do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rádio Melodia FM.

Outro ponto polêmico, Presidente, é a discussão sobre a legalização de drogas. O senhor tem uma posição formada com relação a isso?

Presidente: Olhe, eu a princípio sou contra a legalização de drogas. Não me consta, sabe, de que a legalização venha ajudar você a acabar com a droga no Brasil ou em qualquer país do mundo. Eu penso que nós temos hoje uma discussão mais séria sobre a questão de drogas. Nós estávamos habituados a discutir a questão da maconha, a questão da cocaína, a questão da heroína.



Hoje surgiu uma coisa mais grave, mais poderosa e mais fora do controle da polícia e dos governantes que é uma coisa chamada crack. Eu, inclusive, pedi ao meu ministro-chefe do Gabinete Institucional, que é o responsável pela questão das drogas no governo federal, para que a gente organize um seminário com especialistas, para a gente discutir a questão do crack na juventude brasileira, inclusive, que não é mais uma coisa das capitais, é uma coisa que está espreado por todas as cidades brasileiras e é muito delicado porque segundo as orientações... ou seja, o crack... a pessoa fumou aquele cachimbo uma vez, já fica viciada e não consegue mais sair. E está pegando muito duro na nossa juventude. Portanto, nós temos que ter um tratamento muito especial, sobretudo, nas camadas mais pobres da população, porque é a droga mais barata. Então, eu estou convencido de que nós precisamos, em vez de ficar discutindo se vai legalizar ou não - e eu sou contra a legalização - eu acho que nós precisamos fazer uma discussão séria no Brasil, envolvendo os educadores brasileiros, envolvendo os pais, utilizar rádio e televisão para que gente possa educar as pessoas. Porque hoje tem muito canal de televisão que faz apologia da droga e não um processo de educação para as pessoas pararem de fumar droga e de usar droga. Então, eu acho que é um debate que nós precisamos fazer com muita seriedade. Eu nunca, nunca vi tanta gente se queixar dos efeitos do crack na juventude e, sobretudo, nas cidades pequenas, com gente pobre, do que eu estou vendo agora na conversa com os prefeitos. Então, virou um problema muito sério, muito mais sério do que o que a gente tinha discutido até então, e nós, então, precisamos nos debruçar sobre isso. E nós vamos começar um grande debate sobre como combater o uso de drogas no Brasil.

Jornalista: Muito bem. Presidente, o seu governo deu uma demonstração fantástica. O Rio de Janeiro sempre foi preterido nos investimentos federais. No seu governo houve uma reversão desse processo. No passado, o Rio, que



é o segundo contribuinte de arrecadação de impostos, era o penúltimo em recebimento de recursos federais. O que mais o Rio pode esperar de ajuda do governo federal? Hoje o senhor está no Rio para inaugurar parte de obras do PAC, a parte também em Itaboraí, da implementação do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro. Essa ideia (incompreensível) esse projeto, dessa linha direta com o governo do estado, com o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, esse projeto é um projeto que deveria ser alcançado por todos os governadores e prefeitos do Brasil?

Presidente: Eliel, duas coisas importantes que é necessário dizer ao povo do Rio de Janeiro. Primeiro, o Brasil voltou a crescer e a fazer investimento público, coisa que não era feita nos últimos 30 anos. Segundo, nós estabelecemos uma parceria com o governo do Rio de Janeiro como, eu acredito, nunca antes tinha acontecido, porque antes você sempre tinha uma política de confrontação entre o governo do Rio e o governo federal, o governo federal e o governo do Rio de Janeiro. Ora, nesses quatro anos de mandato do Sérgio Cabral não houve nenhuma confrontação entre o estado do Rio e o governo federal e, portanto, facilitou extremamente a união dos entes federados para que a gente pudesse construir o que estamos construindo hoje. São muitos investimentos que nós estamos fazendo. Só até 2010, entre investimento público e investimento privado são R\$ 115 bilhões. Se a gente for analisar todas as obras da Petrobras, todo o pré-sal, todo o polo petroquímico, nós vamos ultrapassar os 300 bilhões de investimentos no Rio de Janeiro, do PAC. Se a gente imaginar o PAC II, que vamos fazer agora, vai ter mais uma quantidade de dinheiro, cuidando do desenvolvimento do Rio, mas, sobretudo construindo a parceria com o governo do estado e com a prefeitura municipal, para que a gente cuide da parte mais pobre da população.

É por isso que estamos fazendo muitas coisas na Rocinha, no Pavão-Pavãozinho, no Complexo do Alemão, em Manginhos e em todos os lugares



mais pobres do Rio de Janeiro. É que a gente vai fazer um ataque combinado com o governo do estado e com a prefeitura, porque quem conhece o estado é o governador, quem conhece a cidade é o prefeito. Então, nós não podemos criar as coisas, de Brasília. Nós temos que combinar aqui e a nossa participação é a contribuição financeira que a gente pode dar para que essas obras sejam feitas. E eu acho que a gente vai mudar a cara do Rio de Janeiro, apesar da má vontade de alguns. Eu, por exemplo, estou perplexo, porque chegando ao Rio de Janeiro agora, eu vi que a grande notícia de um jornal do Rio de Janeiro não é para que serve o Hospital da Mulher, que foi inaugurado ontem, mas é por que a dona Dilma vem em uma obra que não é do governo federal. Você imagina a distorção da informação ao nosso leitor. Ora, porque qualquer pessoa de bom senso imaginaria o seguinte: porque o governo do Rio de Janeiro teve dinheiro para fazer um hospital dessa magnitude? É porque a parceria com o governo federal permitiu que nós colocássemos dinheiro para outra área e desafogasse o governo do estado para fazer esse investimento. Qualquer pessoa menos medíocre saberia analisar assim. Agora, quando a pessoa, em vez de dar a informação, se preocupa em politizar de forma desinformada, e eu diria até, de certo baixo nível, realmente o povo fica sem saber o que está acontecendo.

Acho que o Rio de Janeiro merece... Eu digo sempre que o Rio de Janeiro merece todo o apoio do governo federal, porque o Rio de Janeiro já foi capital deste país, aqui nós tínhamos o estado da Guanabara, que também acabou. Então, o Rio de Janeiro só perdeu nesses últimos tempos, só perdeu. Então, eu acho que, independentemente de a gente querer ou não, a cara do Brasil no exterior é o Rio de Janeiro. Então, quanto mais bonito for o Rio de Janeiro, quanto melhor serviço o Rio de Janeiro prestar, quanto mais se desenvolver, melhor para todos nós. Melhor para os brasileiros de Pernambuco, melhor para os brasileiros de São Paulo, melhor para os brasileiros do Pará. Porque no fundo, no fundo, no fundo todos nós somos brasileiros, mas todos nós somos



um pouquinho cariocas. É isso.

Jornalista: Muito bem. Presidente, estamos assistindo a uma discussão sobre a remuneração de aposentados – aqui está o autor do Estatuto do Idoso, o nosso querido governador Sérgio Cabral –, e essa discussão é patrocinada por aqueles que, no passado, quando tiveram oportunidade, não fizeram o que agora querem que o governo faça. O senhor acha que está fazendo o possível pelos aposentados? Dá para fazer mais? Essa classe está sendo mais respeitada no Brasil, Presidente?

Presidente: Eu acho que sempre dá para fazer mais, sempre dá para fazer mais. O que é importante a gente lembrar é que o aposentado, durante muito tempo, não recebia sequer aquilo que era a deterioração do seu salário por conta do crescimento da inflação. Ora, na medida em que nós garantimos aos aposentados que não haverá nenhum prejuízo e que eles receberão... aquilo que a inflação comeu, eles terão como reposição no seu salário, e na medida em que nós mandamos para o Congresso Nacional um acordo com as centrais sindicais, oferecendo 2,5% de aumento real de salário é um passo importante. E você pode melhorar a vida dos aposentados na medida em que você vá melhorando a receita da Previdência Social. Na medida em que a receita estiver crescendo acima daquilo que é a capacidade de gasto que ela tem hoje, você pode... uma parte disso você pode dar aumento aos aposentados, até para que eles participem do crescimento do Produto Interno Bruto brasileiro.

Nós fizemos uma opção, primeiro. Qual foi a opção primeira? Recuperar o salário mínimo. O salário mínimo estava muito deteriorado e nós, então, fizemos a opção de, nos próximos anos, a gente recuperar o salário mínimo, para que ele tenha um poder de compra que dê ao povo o direito de morar, o direito de utilizar transporte, o direito de comer. É isso que precisa garantir o salário mínimo. E nós já aumentamos o salário mínimo em 68% e vamos



continuar aumentando, porque na nossa proposta, até 2023, o salário mínimo vai aumentando acima da inflação e vai aumentando, também, combinado com o crescimento do PIB.

E obviamente que quando nós chegarmos a um nível de boa recuperação do salário mínimo, você... estão criadas as condições para começar a recuperar e aumentar o salário dos aposentados. Eu acho que os aposentados brasileiros muitas vezes perderam dinheiro na base de cálculo para se aposentar, e eu acho que nós, brasileiros, precisamos ter em conta que o aposentado é responsável pelo país que nós temos hoje. Então, nós não devemos ver como favor a gente discutir o aumento. É quase uma obrigação do Estado, aos poucos, na medida em que cria condições, fazer a reparação que tem que fazer aos aposentados.

Quando você vira presidente da República, Eliel, isso é mais ou menos como cuidar da família – você, eu, o Sérgio Cabral, qualquer um de nós aqui –, ou seja, só pode dar para o filho aquilo que a gente pode dar. Se a gente não tiver dinheiro, não vai dar. Então, eu não prometo aquilo que eu não posso fazer, não prometo. Nós mandamos um projeto para o Congresso Nacional, visando um início extraordinário de recuperação do salário dos aposentados brasileiros. Mas isso é preciso que seja construído concomitantemente com a recuperação da receita da Previdência Social.

Jornalista: Muito bem. Pois não, governador Sérgio Cabral.

Governador Sérgio Cabral: _____

Jornalista: Muito bem. Presidente...

Presidente: Uma coisa importante, Eliel, só para... O Sérgio tocou em um assunto... Nós tentamos fazer uma discussão com o movimento sindical sobre



o fator previdenciário. Essa é uma coisa que nós queremos discutir com os trabalhadores e ver, na medida em que a gente possa criar as condições de fazer um ajuste no fator previdenciário. O movimento sindical quer que a gente acabe com o fator previdenciário. É preciso saber se a gente vai ter condições políticas e financeiras para acabar com isso. Mas, de qualquer forma, nós achamos que tem sentido parte das reclamações dos trabalhadores. Uma coisa importante, Eliel, é que nós fizemos uma revolução na Previdência Social. Hoje, você... é só discar 135 que você marca uma perícia médica em cinco dias, do Oiapoque ao Chuí. Antigamente, demorava nove meses, dez meses, onze meses. Agora, você faz em cinco dias. Hoje, um aposentado não precisa mais apresentar documento para se aposentar. Nós é que apresentamos o documento, ou seja, quando ele completar o tempo de contribuição ou o tempo de idade, ele recebe na casa dele um comunicado de que ele atingiu o tempo de trabalho ou o tempo de idade, que ele vai receber tanto por mês, e ele pode receber. Agora, acabamos de cadastrar mais de 4 milhões de pequenos proprietários rurais, até quatro módulos, que também vão se aposentar sem precisar apresentar nenhum documento. Somos nós, da Previdência, que temos que provar que ele tem direito, e quando ele completar a idade, ele vai ser chamado, vai receber uma cartinha dizendo: "Olha, fulano de tal, você já atingiu o tempo de se aposentar, você vai receber tanto por mês, pode procurar a Previdência Social." E em meia hora ele vai se aposentar. E também para a mulher gestante, que antes levava 90 dias, 120 dias, e agora, em meia hora, a mulher gestante recebe o salário maternidade, o que é uma revolução muito grande no gerenciamento da Previdência. E está melhorando, ela está diminuindo o déficit. Porque nós precisamos resolver um probleminha que nós criamos – nós – não foi ninguém que criou, fomos nós. Quando, em 1988, nós fizemos a Constituição, nós fizemos um forte programa de seguridade social. Nós colocamos, por exemplo, todos os trabalhadores rurais dentro da Previdência Social, sem ter um fundo específico. Então, isso é contabilizado



como déficit da Previdência. Nós já mudamos isso, isso não é déficit da Previdência. Se você hoje pegar o que pagam os trabalhadores todos, e o que eles recebem, empata, não há déficit. Mas quando você analisa tudo aquilo que nós colocamos na Constituição: pagamento para portador de deficiência física que não tem renda; para o idoso; para os trabalhadores rurais, aí aparece um déficit de 45 bilhões, que não é déficit. Aquilo foi uma decisão do Estado brasileiro, de fazer uma política de seguridade social para o povo mais pobre. Portanto, não é déficit. Durante muitas décadas foi contabilizado erroneamente, e nós já consertamos isso. Agora, se Deus quiser, nós vamos poder compatibilizar isso com o crescimento da receita porque vai crescer a oferta de empregos e, certamente, a Previdência vai ter mais dinheiro.

Jornalista: Muito bem. Presidente, a posição do Brasil no mundo. Eu gostaria que o senhor destacasse isso, porque o Brasil, a sensação que a gente tem é que ele puxa a fila, hoje, quando acontece uma catástrofe, tal qual no Haiti, tal qual no Chile. O senhor sempre presente, o senhor sempre... até mesmo na ONU, na sua palavra, chegando até mesmo às raias de o presidente Barack Obama falar que o Lula é “o cara”. E aí, Presidente, o Brasil muda de posição? O Brasil se coloca exatamente como parceiro, como país irmão, sobretudo numa catástrofe, no momento em que os outros países precisam de ajuda, independente da condição desse país?

Presidente: O Brasil, Eliel, cresceu muito em respeitabilidade. Eu sou até suspeito para falar disso, porque eu sou parte integrante de uma equipe de homens que – homens e mulheres – que contribuíram para que o Brasil chegasse à situação que chegou. Acontece que nós tomamos uma decisão em 2003. Eu não esqueço nunca que eu vinha de Davos, acho que no dia 25 ou 26 de janeiro de 2003, quando eu disse ao ministro Celso Amorim que o Brasil precisaria fazer um esforço imenso para mudar a geografia política e a



geografia comercial do mundo. Era tudo muito dependente dos Estados Unidos, era tudo muito dependente da União Europeia. E nós precisaríamos construir um outro cenário político que permitisse que outras forças políticas surgissem no mundo e passassem a ter vez e ter voz. Foi a partir daí que eu trabalhei muito forte para a integração da América Latina e da América do Sul. Eu visitei todos os países. A partir daí eu tomei a decisão de visitar a África, e já visitei praticamente 29 países, vou visitar mais cinco ainda este ano. A partir daí eu tomei a decisão de visitar o Oriente Médio e visitar vários países árabes, e também visitar o Mundo Asiático. Construimos uma parceria estratégica com a Índia. Construimos uma parceria estratégica com a China, com a Índia, com a África do Sul. Bem, a partir daí, o que aconteceu? O Brasil passou a ganhar uma importância, porque o Brasil circulava num mundo político mais importante do que a gente circulava, até então. Ou seja, nós construimos uma base de apoio, fortalecemos muito a balança comercial brasileira, chamamos o FMI e dissemos a ele que nós não precisaríamos mais do dinheiro dele. Eles nem queriam aceitar o dinheiro de volta, queriam que o Brasil ficasse com o dinheiro. Foi quase uma questão de honra a gente dizer: Nós devemos, queremos pagar e não queremos mais vocês aqui. A economia brasileira cresceu, a economia brasileira estava estável, a inflação controlada. Tudo isso, aos olhos do mundo, foi dando credibilidade.

Eu lembro, Eliel, que no dia 10 de dezembro de 2002, eu ainda não tinha tomado posse, mas já tinha sido eleito presidente, eu fui convidado a ir à Casa Branca conversar com o presidente Bush. E o Bush, naquele tempo, estava meio enlouquecido com o terrorismo, com a queda das torres, e só falava de terrorismo, e só falava de invadir o Iraque. Depois de quarenta minutos que o Bush falou do Iraque, do terrorismo, do Bin Laden, aí ele terminou de falar, e eu falei: Presidente, olha, eu queria lhe dizer uma coisa: o Iraque está a 14 mil quilômetros do Brasil, eu não tenho nada contra o Iraque, a minha guerra não é com o Iraque, a minha guerra é contra a fome no meu país. Eu estou tomando



posse no dia 1º de janeiro e a minha preocupação primeira é acabar com a fome no meu país, é permitir que aquele povo possa tomar café de manhã, almoçar e jantar todo santo dia. E isso deu respeitabilidade ao governo. Eu trouxe uma lição, que eu aprendi no movimento sindical, nas relações com o empresariado: nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor que não se respeita. A condição básica, Eliel, para você ser respeitado no meio em que você vive é as pessoas saberem que você se respeita. Se as pessoas perceberem que você não tem respeito por você mesmo, ninguém vai te respeitar. Isso eu aprendi para sobreviver. Portanto, isso deu ao Brasil um status importante. Eu sei que tem muita gente que ainda não está habituada, porque tinha muita gente subserviente, tinha muita gente que agia como se fosse de segunda classe, terceira classe. E na minha cabeça, não tem ninguém pior do que eu, mas também não tem ninguém melhor. Nós somos iguais. É assim que eu quero ser tratado e é assim que eu trato os outros. Então, o Brasil conquistou... O Obama cometeu um erro ao dizer que eu era “o cara”. Na verdade, eu sou o presidente do Brasil. O problema é que nós temos 190 milhões de caras, é isso que ele não percebeu, a criatividade do povo brasileiro, o orgulho do povo brasileiro. E é isso que está fazendo a diferença no Brasil: nós passamos a gostar de nós mesmos.

Eu lembro que quando nós fomos conquistar a Copa do Mundo, aqui, eu ligava a televisão e via gente dizer: “O Brasil não está preparado para fazer a Copa do Mundo, o Brasil não tem dinheiro para fazer a Copa do Mundo.” Meu Deus do céu! Se o Brasil, em 1950, que só tinha café, fez a Copa do Mundo, por que não pode fazer em 2014? Quando eu cheguei em Copenhague para discutir as Olimpíadas, eu falei para o Sérgio: Sérgio, eu estou deprimido, porque eu liguei a televisão ontem em São Paulo, e vi lá umas pessoas dizendo: “Mas o Brasil não está preparado, o Brasil precisava cuidar da escola, precisava cuidar da criminalidade, por que vai pensar em fazer Olimpíadas?” Sabe aquelas pessoas que só jogam para baixo, aquelas pessoas que



acordam azedas, que acordam sem acreditar em nada, reclamando de tudo? Eu não tenho tempo para isso, Eliel. O negócio é o seguinte: eu acho que a gente só vence se a gente lutar, se a gente perseverar, se a gente acreditar que é possível. Hoje o Brasil está acreditando, e por isso a gente está vivendo esse bom momento. Quando eu disse que a crise econômica seria uma marolinha, e que ela chegaria por último aqui e acabaria primeiro, você sabe que os meus adversários tentaram tripudiar em cima de nós. O que aconteceu? Agora não somos mais nós que falamos, são os jornais do mundo inteiro, os principais jornais, as revistas econômicas do mundo inteiro, os analistas financeiros do mundo inteiro, que dizem que o Brasil é o país que melhor soube tratar da crise, porque seriedade e caldo de galinha não fazem mal a ninguém, e isso nós aprendemos aqui no Brasil.

Jornalista: Muito bem. Para terminar, Presidente, eu gostaria de perguntar: o que o senhor gostaria de ter feito e não conseguiu fazer? E aí fazia um balanço, também, do seu resultado, do seu último ano de governo, não é? Desses oito anos. Qual o principal legado que o senhor acha que estará deixando para o Brasil, Presidente?

Presidente: É cedo, ainda, para a gente falar em legado. Eu vou dizer para você um legado que eu me orgulho de estar deixando para o povo brasileiro. Eu perdi duas eleições, e o que mais me frustrava, na minha derrota, era que eu sentia que o povo pobre que eu representava não votava em mim porque tinha medo de mim. Ora, ele achava que eu era comunista, esquerdista demais, ora ele achava que eu era igual a ele e, portanto, eu não tinha condições de governar. Então, qual é o grande legado que eu quero deixar para este País? É o seguinte: a maioria do povo humilde deste país está aprendendo que um deles chegou ao governo e sabe governar. Ou seja, você está dando um sinal, como Mandela deu para os negros na África do Sul. Os



negros eram 26 milhões, e sempre foram governados por uma minoria branca de 6 milhões. Um dia, um dia, os negros descobriram que eram maioria e resolveram exercitar a democracia. E ganharam. Na Bolívia, na Bolívia, 70% da população é indígena. Eram governados por gente de olhos azuis, que nunca tinha visto um índio, a não ser na boca de urna, que falava mais inglês do que espanhol. Um dia, os índios descobriram que eram maioria. Fizeram uma continha lá e chegaram à conclusão de que eram 60% dos eleitores, e se todo mundo votasse em um índio, elegeriam um índio. E o índio foi eleito agora, com 62% dos votos, fez maioria na Câmara e no Senado. E aqui no Brasil, o povo está descobrindo isso, que é possível construir algo diferente da história política que a gente tinha. Aqui neste estado, aqui neste estado a gente tinha muitos problemas políticos. Eu e o Sérgio fizemos um pacto, ainda... durante as eleições: vamos provar que é possível o governo federal e o governo estadual trabalharem juntos. E o resultado é extraordinário, sobretudo depois que mudou a prefeitura agora, aí ficou hiperimportante a gente trabalhar juntos. E também, Eliel, hoje eu acho que é importante a gente aqui compreender que hoje é o Dia Internacional da Mulher, dia das guerreiras do mundo, porque as mulheres são maioria hoje no Brasil. Acho que no mundo as mulheres têm cada vez mais importância no cenário político, no mundo do trabalho. As mulheres estão cada vez mais ocupando cargos importantes, sem pedir favor. Ou seja, no fundo, no fundo a mulher está deixando de ser utilizada como se fosse cidadã de segunda classe, como se fosse objeto, e está se colocando como um ser político, e ela, então, está ocupando espaços extraordinários na política nacional. E eu, por falar em mulher, quero dizer aos nossos ouvintes que acaba de chegar aqui a nossa querida ministra Dilma Rousseff, que vai me acompanhar nesta visita ao Rio de Janeiro, e depois vai participar do ato que vai ter, do Dia das Mulheres. É na Estação Leopoldina, é isso? Às 17 horas.

Jornalista: Maravilha. Presidente, olha, muito obrigado pela atenção do senhor



à rádio Melodia. Estamos terminando. O Presidente estará seguindo agora para a Rocinha, onde inaugura obras de urbanização do PAC. Depois, também, a implementação do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, em Itaboraí.

Presidente: Nós vamos inaugurar uma UPA e vamos inaugurar um complexo esportivo, talvez dos melhores.

Jornalista: Na Rocinha.

Presidente: É na Rocinha, na Rocinha.

Jornalista: Maravilha.

Governador Sérgio Cabral: _____

Jornalista: Governador Sérgio Cabral, muito obrigado. Presidente, muito obrigado. Queremos agradecer também ao ministro Marcio Fortes, à ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, ao ministro Franklin Martins, e ao senhor, pela atenção. Muito obrigado, uma honra muito grande poder conversar com o senhor esses minutos aqui, e um marco para a nossa história, um marco, sobretudo, para este que teve o privilégio de poder estar aqui de frente para o senhor, aprendendo ainda mais por que esse País aprendeu a amar a respeitar o senhor. Muito obrigado.

Presidente: Eliel, eu quero te agradecer e agradecer aos ouvintes da rádio Melodia, e dizer para você que você abriu o programa dizendo que era a primeira vez. Lembre-se que eu tenho mais dez meses de mandato. Você pode fazer mais umas três ou quatro entrevistas comigo até lá. Um abraço.



Jornalista: Obrigado, Presidente. Será uma honra sempre, viu? Obrigado, gente, pelo carinho. Falamos diretamente aqui da Sala de Autoridades do III Comar, no estúdio portátil da Melodia, no Centro do Rio. Muito obrigado a você e a nossa programação segue com o Edinho Lobo. Bom dia a todos e até amanhã.

(\$31DHJLP)